

## A ancianidade nas histórias de *Amkoullel, o menino Fula*

**Allisson Esdras Fernandes de Oliveira**

E-mail: [eallisonesdras@gmail.com](mailto:eallisonesdras@gmail.com)

**Eumara Maciel dos Santos**

E-mail: [eumaramaciel@hotmail.com](mailto:eumaramaciel@hotmail.com)

Graduandos - Licenciatura em Letras - Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB, Campus Universitário Professor Gedival Sousa Andrade / Brasil

**RESUMO:** Analisou-se, neste artigo, a matriz cultural africana da ancianidade que representa o poder da palavra de semear, pela boca anciã, as experiências que se frutificam em sabedoria por meio da seiva do conselho. A pesquisa é de caráter bibliográfico, tem como *corpus* a obra *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampaté Bâ e sustenta-se também nos pilares do pensamento de Beauvoir (1970), Benjamim (1962), Bergson (1959), Froisse (1974), entre outros, evidenciando o ancião como um manancial em que bebe a tradição africana, mais especificamente, a tradição malinesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura africana. Cultura. Ancianidade.

### Introdução

A fim de compreender um pouco do legado cultural da África Ocidental, ao menos o que diz respeito à ancianidade como uma matriz cultural africana, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica, firmando um estudo mais detalhado acerca da ancianidade no Mali, cenário da obra autobiográfica *Amkoullel, o menino fula*, de Amadou Hampaté Bâ, a qual constitui o *corpus* da referida pesquisa. É importante ressaltar que, quando se fala das matrizes culturais africanas, não se pode generalizar, pois não há uma África una, mas diversos países, localizados em diferentes regiões, nas quais convivem povos de inúmeras etnias.

Na zona de referência retratada neste artigo – a do Mali, especificamente, a aldeia dos fulas – a sabedoria anciã goza de grande prestígio. Com grande denodo, os anciãos malineses lançam diretrizes, orientam, aconselham, ordenam, enfim, manipulam as relações hierárquicas que cercam esse universo, contrapondo-se à taciturna ancianidade vivida pela maioria dos ocidentais, ao menos aqueles que não receberam a influência africana sobre tal aspecto.

Adentrar no contexto das relações entrelaçadas nas culturas desse continente requer imergir em um mundo no qual o jogo de símbolos encontra novas veredas da tradição. Faz-se necessário conhecer as margens dessa tradição, onde se podem encontrar nuances culturais díspares do conhecido pelo senso comum, detalhamentos que podem esclarecer o porquê da supremacia anciã nas relações

hierárquicas. Para tanto, a pesquisa é fundamentada à luz dos pressupostos teóricos de Beauvoir (1970), Benjamim (1962), Bergson (1959), Bossi (1994), Froisse (1974), entre outros que contemplam alguns aspectos do tema.

A escrita deste artigo tem como mola propulsora a ancianidade, uma das matrizes culturais africanas. O ancião, por ter, em potencial, na sua memória, a cultura de um povo, rememora experiências e as transmite para as demais gerações.

Amadou Hampâté Bâ, como autor de *Amkoullel, o menino fula*, é a personificação da ancianidade, ao passo que faz uma visita ao seu passado pelas suas reminiscências e as deita sobre o papel, ao tecer uma narrativa do que ele viveu anos a fio, entretecendo valores a serem perpassados.

### **O florescer do passado, o semear do futuro: a ancianidade africana em *Amkoullel, o menino fula***

Na África de Amkoullel, a cultura malinesa tem alta conta com os anciões, pois eles trazem em sua memória as experiências pelas suas vivências, e é esse fato que faz da figura laboriosa da velhice a seiva da frutificação dos costumes de um povo ao representar a sabedoria:

[...] ancião, no sentido africano da palavra, isto é, aquele que sabe [...] poderia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo. [...] uma espécie de ciência da vida. (BÂ, 2003, p. 174)

Para os fulas, a ancianidade é uma forma simbólica representada pelo binômio rememoração/ transmissão da cultura, expressão esta que resulta numa soma de conhecimentos com os quais se formula o conselho, pois à figura senil cabe a arte de contar, semear o saber.

Sendo assim, não foi diferente com o próprio Bâ, um velho africano que, nascido na aurora do século passado, narrou suas histórias infanto-juvenis, em *Amkoullel, o menino fula*, que outrora fora protagonista e reconstitui, depois dos 80 anos, os fatos memoráveis, cheios de minúcias, com grande precisão para transmitir suas experiências, fazendo-as repousar sobre as linhas autobiográficas que, ao mesmo tempo discorrem sobre História, Filosofia, Sociologia e Antropologia, deixando margem para a descrição do valor da ancianidade para os povos africanos:

Muitos amigos que leram o manuscrito mostraram-se surpresos. Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstituir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral [...] é de uma fidelidade e de precisão prodigiosa. (BÂ, 2003, p. 13)

O maturar na ancianidade reflete-se em potencialidade, pode-se perceber que o autor do livro recaptura também suas memórias já nessa fase. Em seus relatos,

volta no tempo, conduz o leitor a fazê-lo de forma perspicaz e indissolúvel, e, de forma particular, monta um conjunto de belezas que revela o quanto, na ancianidade, a memória ainda é capaz de se valer de detalhes, os quais não se perdem na linha finita do tempo.

Incorporado nesse contexto, o ancião é o porta voz do seu povo, aos moldes de um jardineiro fiel: enterra ou revolve as dores; fala a muitos, como a fertilizar com o adubo da temperança um grande território; sonda os sinais do tempo, como a proteger a sua colheita; poda os excessos como se ervas daninhas fossem; cultiva ensinamentos e valores; semeia sabedoria com precisão e paciência; traz consigo as marcas-frutos da madura-idade. Sua voz revela o doce acorde da *brousse*<sup>1</sup> movendo-se com o vento. Os sinais do passar do tempo não marcam o quanto está envelhecido, e, sim, ressaltam o quanto ele sabe e tem a contribuir com o meio no qual está inserido.

Erroneamente, pode-se inferir que ao ancião africano só cabem colheitas, como se ele, no pomar das lembranças, descansasse sob a sombra de um frondoso passado, saboreando o prestígio do presente. Ao contrário, nesse pomar, é eterno lavrador, assim como mostra Bossi (1994):

Ao lembrar do passado ele não está descansando [...] não está se entregando figurativamente às delícias do sonho: ele está ocupado consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (BOSSI, 1994, p. 60)

O acúmulo de conhecimento, ao longo dos anos, as lições retiradas de cada episódio que se registra na memória são como fotografias, pois ficam capturadas como imagens, e, sempre que necessário, elas vêm à tona, revelando uma explosão de vida através da fala, dos gestos, das entonações diferentes, dos olhares, das performances, que se somam para gerar o lúdico das histórias contadas entre os membros de cada aldeia. Cabe aqui, o relato de Bâ (2003):

[...] não preciso me “lembrar”, eu vejo em uma espécie de tela de cinema interior e basta contar o que vejo. Para descrever uma cena, só preciso revivê-la.[...] Quando se reconstitui um acontecimento, o filme desenrola-se do começo ao fim, por inteiro. Por isto é muito difícil para um africano de minha geração “resumir”. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. (BÂ, 2003, p.13-14)

Ao contar e recontar as narrativas, o ancião não só revive, por meio da memória fotográfica, mas soma elementos para a construção identitária do seu povo. Dessa forma, a herança cultural se perpetua e se faz presente nos diálogos e nas vivências de cada um dos fulas, não mais sendo esquecida, e, sim, eternizada nas gerações descendentes, mantendo viva a autenticidade da tradição da aldeia.

Os detalhes não fogem, não são como uma ovelha à parte do seu rebanho, pois representam a validação da narrativa. Na África savânica do Mali, a África do jovem fula, uma história deve ser cosida pelo ancião com todos os seus ritos, sem nenhuma abreviação, recorte ou salto na oratória; todo pormenor é válido e

---

<sup>1</sup> Formação estépica da África, caracterizada por vegetação rasteira de gramíneas misturadas com algumas árvores e arbustos. Também qualquer área fora do perímetro da cidade. Em português, a palavra mais aproximada seria “sertão”. (BÂ, 2003, p. 26).

complementa o mosaico cultural que se forma. A memória do fula registra a cena por inteiro: o cenário, os personagens, as palavras, as minúcias das roupas, e são esses detalhes que animam a narrativa, contribuindo para imprimir vida à cena.

Porém, à guisa das mudanças ocorridas na sociedade, e em consequência da globalização, encontra-se em decadência a arte de contar histórias, portanto decai, também, a arte de trocar experiências, em consonância com a assertiva de Benjamim (1994):

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. [...] Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIM, 1994, p. 200)

O valor que os fulas atribuíam à senectude vai de encontro aos moldes da sociedade capitalista, pois para esta o ancião é um ser inativo, ou seja, não produz.

A cultura milenar africana da ancianidade acaba contrariando aos princípios da sociedade capitalista; pois, nesta, o idoso não possui mais a função social de ser portador do saber e de transmissão do mesmo, e sim, de um ser improdutivo, por não se encaixar nos moldes de produção e de lucro. Sendo assim, a figura do idoso é esvaziada, pois há invisibilidade de uma vida de trabalho que, por ter linhas de expressão não é reconhecida a mão-de-obra, a qual um dia foi útil, e hoje já não é.

Na África do menino fula, a figura do ancião não é vista como aquele que já perdeu a força, aquele que não tem mais o que crescer a sua comunidade, como muitos outros continentes relacionam. Nessa África, a vida e seus estágios são como as estações: cada período é assinalado por sua peculiaridade, não desencadeando a ordem cronológica, mas completando-a.

A ancianidade é talhada como sinal maior de símbolo da sabedoria, é detentora das heranças, memórias da aldeia. O ancião põe-se no papel de não findar o legado cultural, mas de lhe dar sequência, sem que nenhuma minúcia se perca nas transmissões que são passadas de geração em geração.

Uma representação magnífica da ancianidade em Bâ (2003) é a figura simbólica do *griot*. No sentido francês, eles são animadores públicos e tradicionalistas que contam histórias por meio de música, poesia e contos. Já na definição fula, o *griot* é o sangue, pois circula no corpo da sociedade transmitindo vitalidade única por meio da palavra proferida pelo ancião.

Nessa ocasião em que os *griot* estão presentes, monta-se uma estrutura de grande valor para o povo malinês: o serão, onde o verbo entoado de forma altissonante invade a alma de quem o escuta, e, no fluir de cada conto, cada passagem, cada enredo, remontan-se as histórias de forma inesquecível, eternizando as lições que irão ser tecidas ao longo de uma vida.

O ouvir das narrativas não se constitui de forma involuntária ou eventual, o jovem fula compreende o grande valor semântico das histórias contadas. Faz-se fundamental, então, entender, escutar, compreender o contar. Nesses momentos,

toda a sociedade se cala e ouve as diversas passagens a serem contadas, é um momento de aprendizado.

No contexto do livro, aparece também o avô de Amkoullél, chamado Patê Poulló. Admirado pelo menino fula. Ele possuía “poderes extraordinários” (BÂ, 2003, p. 27), tais como os de vidente, curandeiro e mestre na compreensão da sutil linguagem do tempo:

[...] entendo a língua dos pássaros, leio o rastro dos pequenos animais no chão e as manchas luminosas que o sol projeta através das folhagens; sei interpretar o sussurro dos quatro grandes ventos e dos quatro ventos secundários, assim como a passagem das nuvens através do espaço, porque para mim tudo é sinal e linguagem. (BÂ, 2003, p. 28)

O exercício cotidiano da memória é um elemento comum aos aldeões do Mali. Nas suas tribos, tudo gira em torno do contar: o transmitir de ideias, de costumes, de mitos. E a particularidade de cada comunidade faz-se repassada através do tato direto com os homens de conhecimento, os anciãos. Sem distinção de gêneros, homem/mulher, o saber contar e o saber ouvir são postos em prática, estando latentes nas relações de diálogo construídas entre os membros da aldeia. Novamente, tais práticas muito se distanciam dos costumes ocidentais. A linguagem oral, portanto, é de grande valor para as tribos malinesas. Mesmo essas possuindo a escrita, é através dos diálogos intra e inter-tribais que se vão formando a grande teia da linguagem entre os povos africanos.

O pensamento de Simone de Beauvoir (1990) sobre o conceito de velhice não se distancia muito do horizonte da ideia dos fulas, ao afirmar que é um percurso para ser seguido por todos, um fator natural, e tal caminhada atribui ao ser idoso uma gama de saberes que torna particular tal fase da vida:

Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, conseqüências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. (p. 15)

Com isso, para os africanos, o envelhecer também é tecer, anos a fio, uma história que mais tarde apresentará linhas de experiência na qual se entrelaçam saberes, costumes e valores que vestem o ancião para aconselhar.

O ancião narrador, a fim de retroalimentar a sua memória e a de seus ouvintes, faz uso da repetição, a qual, para os africanos, não é um defeito. Ao passo que repete, lembra, aconselha, liga o começo e o fim, atando o que foi e o por vir, fechando um ciclo de vida traçado por reminiscências, mas esboçando novas perspectivas sobre a vida em suas sábias palavras:

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso, com efeito, que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 1999, p. 179)

Dessa forma, as peculiaridades desse contorno tornam a figura senil a validação das relações culturais de um povo, pois ao ancião é atribuída a responsabilidade de repassar as histórias que farão parte da vida dos jovens da aldeia fula. A construção identitária dos fulas, do menino Amkoullél, é perpassada pela figura de essencial encargo para a disseminação das tradições que permeiam o cotidiano na aldeia: o ancião.

## Considerações Finais

Inserido nesse meio, o menino fula cresceu, recebendo todo o aprendizado necessário para ser um homem sábio, para que da sua boca fossem proferidos conselhos, tornando-se um homem de conhecimento, um membro útil em sua aldeia, respeitado e de grande valor.

O traço do tempo não se apaga, não se esconde, revela-se! Essa é uma verdade latente para os fulas, pois a representatividade sênior das tribos reflete o respeito que todos têm, pois entendem o valor da ancianidade: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (BÂ, 2003).

Ao despontar do sol, quando o crepúsculo revela-se em beleza e magnitude apontando para o fim do dia, começam os prenúncios para mais um serão – noites em Bandiagara – onde a ancianidade manifesta-se para contar as mais belas histórias do povo fula. É um momento ímpar, todos, em um círculo, juntam-se para a captura de cada gesto, cada olhar, cada momento, os quais se eternizam e são guardados na memória, e dela não saem, pois, como diz um provérbio africano, “A mão do ancião pode tremer, a sua voz costuma acertar no alvo.”

**Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:**

OLIVEIRA, Allisson Esdras Fernandes de; SANTOS, Eumara Maciel dos. A ancianidade nas histórias de Amkoullél, o menino Fula. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula.

Disponível em:

<[http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Ancianidade\\_menino\\_Fula.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Ancianidade_menino_Fula.pdf)>.

Acesso em: 2 mai. 2010.

## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução: Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena. São Paulo, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Editora T.A., 1994.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

MASCARO, Sônia Amorim. **O que é velhice?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATTOS, Regina Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil hoje**. São Paulo: Global, 2006.

ONG, Walter. **Oralidade e escrita: a tecnologização da palavra**. Trad. Enid Abreu Dobrânsky. São Paulo: Papyrus, 1998.